

Das bancas de jornais às redes sociais digitais: a corrida de rua e a produção de sentidos sobre saúde nos discursos midiáticos do Brasil contemporâneo¹

Glauber Tiburtino²

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro – RJ

RESUMO

A corrida de rua passou por diferentes conotações e variações de sentidos ao longo do tempo, no Brasil contemporâneo. Introduzido inicialmente sob a égide da prescrição médica, para prevenção de doenças crônicas, na década de 1970, a prática ganhou popularidade e virou hábito social com o método de Cooper, amplamente disseminado pela mídia, em especial a esportiva, por conta de sua adoção pela seleção brasileira de futebol. Das páginas de jornais às ruas, a prática foi se reconfigurando e com o passar dos anos e novos adventos sociais e tecnológicos, como as redes sociais digitais, passou a reunir milhares de adeptos em grupos virtuais. Os praticantes compartilham suas performances e fazem emergir novos sentidos de saúde para a prática da corrida de rua.

PALAVRAS-CHAVE: corrida de rua, método Cooper, saúde, Copa de 1970, mídia, narrativas e redes sociais digitais

Introdução

A corrida de rua se populariza no Brasil na segunda metade do Século XX, a partir de um método desenvolvido pelo médico e preparador físico norte-americano Kenneth H. Cooper. Sua fórmula prescrevia a adoção de atividades físicas regulares com vistas a exercitar músculos do sistema circulatório e respiratório, com intuito de prevenir doenças crônicas e seus fatores de risco, como infarto e hipertensão, e, conseqüentemente, prolongar a vida. A disseminação do método ocorreu com o sucesso da seleção brasileira de futebol, que o utilizou como base na preparação da Copa do Mundo de 1970. Na época, o treinamento foi largamente explorado pela mídia esportiva nas páginas dos jornais e em pouco tempo a técnica aplicada nos gramados mexicanos saía das bancas para as ruas.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS)/Icict/Fiocruz – RJ e membro do Núcleo de Estudos de Mídia, Saúde e Cultura Contemporânea, coordenado pelo pesquisador doutor Igor Sacramento (ECO/UFRJ e PPGICS/Fiocruz). E-mail: glauber.tiburtino@gmail.com

O presente trabalho é fruto de pesquisa de mestrado em curso, a ser desenvolvida entre 2018 e 2020, no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), do Ict/Fiocruz, cujo título provisório é: Corrida de rua e promoção da saúde no Brasil contemporâneo - A cultura da mídia e a produção de sentidos sobre estilo de vida ativo. O objetivo central da pesquisa que originou este ensaio é estudar os sentidos envolvidos na produção e circulação discursiva dos praticantes de corridas de rua sobre estilo de vida ativo e hábitos saudáveis nas redes sociais digitais. O trabalho desenvolvido para o 41º Congresso da Intercom contribui para dois dos objetivos específicos da dissertação em andamento. São eles: pesquisar se os sentidos de risco, promoção da saúde e prevenção de agravos, que marcaram o início das publicações sobre o método de Cooper na grande imprensa na década de 1970 (COOPER, 1970), ainda aparecem nas narrativas contemporâneas dos adeptos da corrida de rua, além de analisar as novas configurações da prática de atividades físicas com advento das Tecnologias da Informação e o consequente uso das redes sociais digitais e aplicativos de monitoramento da performance dos indivíduos.

As justificativas para essa pesquisa passam por três esferas de relevância, a institucional, a acadêmica e a social. No âmbito institucional, para a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), consideramos relevante o estudo, uma vez que ocupar as arenas em disputa das produções de sentidos é importante para promover e fortalecer a saúde coletiva. Observamos que a corrida de rua torna-se um espaço estratégico da promoção de produtos, como: tênis, vestuário, alimentos suplementares, isotônicos etc. Nessa perspectiva, ocupar e provocar reflexão sobre os sentidos que circulam nas corridas de rua é entrar nessa disputa e fazer frente aos ímpetus neoliberais da sociedade capitalista, que se apropriam de dinâmicas socioculturais para promoverem bens de consumo.

A relevância acadêmica da pesquisa no âmbito do PPGICS pauta-se, por um lado, pela carência de reflexões mais aprofundadas sobre esta relação entre corrida de rua, saúde e mídia, e por outro lado, pela sua perspectiva interdisciplinar ao jogar luz sobre interfaces pouco exploradas entre os campos da Educação Física, Saúde, Comunicação, Informação e o da Comunicação e Saúde (ARAÚJO e CARDOSO, 2007), onde se origina a filiação epistemológica deste estudo. Em uma pesquisa exploratória preliminar identificamos poucos estudos que se dediquem a discutir corrida de rua e promoção da saúde - em seu conceito ampliado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1948) - na sociedade midiaticizada. Assim, ancorando-se nos conhecimentos das ciências humanas

e sociais, entendemos que a pesquisa em tela poderia trazer importantes contribuições para os debates sobre estilo de vida ativo e produções de sentidos, na visão da Comunicação e Saúde. Por fim, a relevância social da pesquisa se justifica pela proposta de reflexão sobre algumas das novas sociabilidades contemporâneas e práticas comportamentais baseadas no estilo de vida ativo. Consideramos válido o debate sobre os discursos circulantes entre os adeptos desses novos hábitos. Estudar essa circulação pode auxiliar na compreensão das práticas discursivas que emergem da combinação entre exercício físico e publicização da performance dos indivíduos nas redes sociais digitais.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, lançaremos mão de duas metodologias: a pesquisa exploratória sobre corrida de rua e promoção da saúde no Brasil, analisando produções bibliográficas sobre o tema e acervos digitais de jornais da década de 1970, e observação participante no grupo público de Facebook que reúne a maior quantidade de corredores de rua, com quase cem mil participantes, o Viciados em Corridas de Rua. Observaremos algumas postagens e os sentidos que emergem dessa produção e traçaremos um paralelo com registros históricos da mídia esportiva. A comparação entre a produção discursiva daquela época sobre a adoção da atividade física, via grande imprensa, com a dos dias atuais, que ocorre nas redes sociais digitais, podem ser importantes elementos de análise para nos ajudar a entender essas relações entre atividade física, cultura de mídia e concepções de hábitos saudáveis. Assim, poderemos analisar o possível deslocamento do sentido da corrida de rua nesse processo histórico.

A corrida de rua e a promoção da saúde

A corrida de rua é uma prática comum nos dias de hoje no Brasil, onde centenas de provas reúnem milhares de pessoas anualmente nas grandes metrópoles do país³, sendo considerada, portanto, um “fenômeno sociocultural contemporâneo” (DALLARI, 2009, p. 16). Além dos dados oficiais, estima-se que “algo entre 2 e 5 milhões de brasileiros praticam a atividade” (DIAS, 2017, p. 2). As redes sociais digitais configuram outro importante local de encontro dos adeptos dessa prática, que produzem e fazem emergir uma série de sentidos em nosso tecido social. Em suas narrativas e no imaginário popular

³ Segundo dados da Federação Paulista de Atletismo, em 2016 as 424 provas de rua realizadas oficialmente no Estado contaram com 906.930 inscrições. Disponível em: <http://www.atletismofpa.org.br/estatistica-2016.html>,67

os corredores são reconhecidos e identificados pela superação de limites e desafios particulares e pela adoção de hábitos tidos como saudáveis. São valores notáveis em uma sociedade pautada pelo risco e promoção da saúde, calcados na lógica neoliberal do individualismo e responsabilização do sujeito pelos cuidados com sua saúde. “Em outras palavras, a ‘nova promoção da saúde’ atenua a ênfase da abordagem comportamentalista na mudança de estilos de vida e nos fatores de risco como elementos direcionadores das ações em saúde” (CASTIEL; GUILAM e FERREIRA, 2015, p. 34). Na década de 1970, dois importantes estudos contribuíram para reformular o entendimento da saúde, concebido até então simplesmente como a ausência de doença. Trate-se do Relatório Lalonde (1974) e do Relatório Healthy People (1979), ambos produzidos na América do Norte, o primeiro canadense e o segundo estadunidense.

Ambos os documentos marcam a emergência da abordagem comportamentalista ou conservadora de promoção da saúde que predomina nos anos 70. Fundada nos preceitos de fatores de risco produzidos por vertentes reducionistas clássicas da epidemiologia e fortemente orientada para mudanças comportamentais e de estilo de vida, essa abordagem é vista como um meio de incentivar os indivíduos a assumirem a responsabilidade por sua própria saúde e, assim, de reduzir os gastos com sistemas de saúde (CASTIEL; GUILAM e FERREIRA, 2015, p. 33).

Reforçando o entendimento baseado na noção ampliada de saúde, Buss (2000) resgata que o conceito de promoção da saúde vem sendo entendido, desde 1975, como “uma estratégia promissora para enfrentar múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos no fim do século XX” (BUSS, 2000: 165). Em seu artigo publicado no início do novo milênio, o pesquisador amplia o entendimento sobre o termo promoção da saúde, aspecto fundamental para o surgimento do princípio do estilo de vida ativo, cujo aumento da prática da corrida de rua na perspectiva do autocuidado é uma consequência direta.

A promoção da saúde consiste nas atividades dirigidas à transformação dos comportamentos dos indivíduos, focando nos seus estilos de vida e localizando-os no seio das famílias e, no máximo, no ambiente das culturas da comunidade em que se encontram. Neste caso, os programas ou atividades de promoção da saúde tendem a concentrar-se em componentes educativos, primariamente relacionados com riscos comportamentais passíveis de mudanças, que estariam, pelo menos em parte, sob o controle dos próprios indivíduos. Por exemplo, o hábito de fumar, a dieta, as atividades físicas, a direção perigosa no trânsito. Nessa abordagem, fugiriam do âmbito da promoção da saúde todos os fatores que estivessem fora do controle dos indivíduos. (BUSS, 2000: 166)

Com o avanço da medicina moderna e disponibilidade de novas drogas, como os antibióticos, já no Século XX, as epidemias e doenças infecciosas começaram a ser controladas e a expectativa de vida da população de uma forma geral aumentou. Tal fato desnudou um outro problema decorrente dessa extensão etária da população: o surgimento das doenças crônicas não transmissíveis, como infarto e diabetes, que passaram a acometer as pessoas. A prática esportiva como atividade física passou a ser uma das principais orientações para o fortalecimento de músculos e sistemas fisiológicos, em uma prática prescritiva de ordem médica.

O desenvolvimento da perspectiva de prevenção de doenças, a partir da década de 1950, direcionou-se aos estudos clínicos e epidemiológicos das chamadas doenças não transmissíveis ou crônico-degenerativas. Isso ocorreu em virtude de um processo de mudanças nos padrões das doenças reconhecidas nessa época nos países europeus e EUA, a chamada transição epidemiológica. Esta é definida como a ocorrência de mudanças progressivas nos perfis de morbimortalidade, passando do predomínio de transmissíveis para um quadro de doenças crônicas não transmissíveis. (CZRESNIA; MACIEL e OVIEDO, 2013: 63 e 64).

Tudo isso ocorreu em um período marcado por grandes transformações sociais e culturais no país. No contexto da governamentalidade neoliberal, os indivíduos teriam o dever de adquirir hábitos saudáveis no sentido de prolongar sua vida. Esse tipo de produção discursiva favorece as instituições, na perspectiva já descrita de que as pessoas são encorajadas a tornarem-se sujeitos de si próprios. (LUPTON, 1999). Além disso,

A promoção da atividade física é uma das estratégias que, no bojo de políticas de saúde, vêm sendo adotadas sob a ótica da promoção da saúde, e cujas características, em última análise, vêm conformando o discurso da vida ativa, amplamente disseminado nas mais diferentes audiências e cenários. ‘Atividade física é saúde, seja ativo’ e ‘Agite-se, sua saúde agradece’ são sentenças encontradas em estratégias de promoção de atividade física comumente adotadas no Brasil e no mundo ocidental. (CASTIEL; GUILAM e FERREIRA, 2015, p. 61)

O estilo de vida ativo preconiza uma mudança comportamental de cada indivíduo, portanto, propunha novas atitudes. “Mudanças de estilo de vida ou comportamentos relativos à alimentação, exercícios físicos, fumo drogas, álcool e conduta sexual são reafirmados nas estratégias de promoção da saúde propostas” (CZRESNIA; MACIEL e OVIEDO, 2013, p. 69). Essa lógica possibilitava novas sociabilidades, sendo o esporte

um importante elo para a socialização. Segundo Helal (1990), as ciências sociais levaram um certo tempo até entenderem a relevância da sociologia do esporte na formação de identidade coletiva. “Se conseguirmos mostrar como o estudo sociológico do esporte abre um importante caminho para melhor compreendermos a sociedade como um todo, teremos assegurada a nossa vitória” (HELAL, 1990, p. 16).

Entretanto, apesar do estímulo social da década de 1970, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por meio da Pesquisa sobre Padrões de Vida, realizada em 1997, revelaram que o brasileiro se exercitara pouco na última década do Século XX. Em uma amostra probabilística no Nordeste e Sudeste, cerca de 20% das pessoas entrevistadas informaram se exercitar ou praticar algum esporte (ANJOS, 2006).

Entre as práticas esportivas ou exercícios físicos relatados destacam-se os esportes coletivos (futebol, vôlei, basquete) para os indivíduos mais jovens, principalmente homens, e a caminhada [corrida] para os adultos e idosos (...) fica evidente o papel da caminhada [corrida] como forma de atividade física praticada nos indivíduos adultos, particularmente, após os 40 anos de vida (ANJOS, 2006, p. 64)

Hoje, os adeptos da corrida de rua são muitos. A Maratona do Rio de Janeiro em 2018 recebeu 38 mil inscritos⁴ e as redes sociais constituem a arena virtual onde os corredores interagem e se motivam. Objeto da nossa pesquisa de mestrado, o grupo público do Facebook Viciados em Corridas de Rua, criado em 2013, tem quase cem mil membros em cinco anos. Uma demonstração da sua relevância na Internet e pertinência social do tema.

Todavia, bem antes do advento do Facebook e das demais redes sociais digitais, a mídia impressa esportiva foi a grande responsável por disseminar, em suas páginas de papel, um método de preparação física inovador, que teria contribuído muito para a conquista do tricampeonato mundial de futebol da seleção brasileira em 1970, o método de Cooper. “As primeiras referências ao nome de Cooper no Brasil são feitas por preparadores físicos que integravam a comissão técnica da seleção brasileira de futebol, por ocasião do início dos treinamentos para a Copa do Mundo do México, disputada em 1970”. (DIAS, 2017, p. 4). Dos campos no México, para as bancas no Brasil, logo o método inovador ganhava ares de popularidade e no auge dos discursos do risco e da

⁴ Informação disponível em <http://www.maratonadorio.com.br/com-numeros-impressionantes-maratonado-rio-recebera-38-mil-pessoas-no-rio-de-janeiro/>, acessado em 2 de julho de 2018.

prevenção para promoção da saúde, caminhar e correr ofereciam-se como boas opções para extensão da vida.

O próprio Cooper reconheceria mais tarde que grande parte dos méritos pelo sucesso de seus testes de avaliação no Brasil cabem a Cláudio Coutinho [um dos preparadores físicos da seleção]. Já na apresentação do primeiro livro de Cooper traduzido no Brasil, *Aptidão física em qualquer idade*, lançado em 1970, imediatamente depois da Copa do Mundo do México, Coutinho destacou o valor da obra, não apenas para satisfazer a vaidade das aparências físicas, como ele dizia, mas principalmente para contribuir, de modo decisivo, em suas palavras, para a manutenção da saúde e o prolongamento da vida (DIAS, 2017, p. 12).

O método Cooper consiste basicamente em um teste de preparo físico, com ênfase no sistema circulatório, idealizado pelo médico e preparador físico de mesmo nome. O teste consiste numa corrida em velocidade constante que varia de acordo com a idade, sexo e desempenho do praticante. Este método é adequado para atletas, uma vez que exige 100% da velocidade. A distância percorrida sofre uma variação de acordo com o biótipo do atleta e varia, geralmente, de 2.800 a 3.200 metros em 12 minutos, para alcance da boa forma. Esse método de treinamento aeróbico foi criado com objetivos bem definidos e as pessoas deveriam alcançá-los para obter melhores resultados. Nos relatos, a questão da saúde por meio do esporte emerge como um discurso capaz de legitimar as práticas esportivas, à medida em que, mesmo a prática corporal tendo um fim em si mesmo, habitualmente também é associada a fins utilitários, como por exemplo, à saúde. (COOPER, 1970).

Mais que apenas estarem concentrados nos sistemas cardíaco, circulatório e respiratório, esses exercícios aeróbicos, isto é, que usam basicamente oxigênio para produção da energia necessária à atividade, deveriam ter uma intensidade suficiente para fazer o praticante “arfar”, “ofegar”, “respirar com dificuldade”, “sentir o peito pesado”, o “coração bater mais forte”, o “sangue correr pelo sistema circulatório”, a fim de produzir uma pulsação mínima de 150 batidas por minuto. Não bastava correr, portanto, era preciso fazê-lo com intensidade. Mais precisamente, a um ritmo de 1.600 metros em 8 minutos, diariamente, seis vezes por semana. (DIAS, 2017, p. 8)

A cobertura de mídia da Copa de 1970 e a consagração do método Cooper no Brasil

A literatura demonstra que foi na década de 1970, de fato, que a corrida de rua começou a se popularizar e ser construída com os sentidos, formatos e proporções próximos aos atuais. Todavia, ainda que vítima de um certo negligenciamento dos

historiadores do esporte, o hábito de correr nas ruas é mais antigo, dado que no Rio de Janeiro, especificamente, por volta dos anos 1880 clubes de atletismos já realizavam provas de corrida (DIAS, 2017). Como já visto, um fator determinante para a popularização da nova prática de exercício físico foi a implantação do método Cooper no Brasil.

Curiosamente, a importância atribuída a Cooper pela própria imprensa brasileira para explicar o surgimento e a difusão do hábito de correr regularmente nas ruas, foi um dos primeiros e mais importantes agentes para sedimentação desta representação histórica. Posteriores interpretações acadêmicas sobre o fenômeno, pouco comprometidas com os típicos procedimentos historiográficos, limitaram-se, tão somente, a reproduzir, sem fontes primárias, sem crítica e sem contextualização histórica apropriada, o entendimento que associa Cooper, de maneira exclusiva ou quase exclusiva, a emergência do novo hábito. (DIAS, 2017, p. 3)

No Jornal do Brasil, importante veículo de comunicação do Rio de Janeiro no Século XX, durante toda a década de 1970 o termo corrida de rua, como prática esportiva, não aparece nenhuma vez. Por outro lado, o método Cooper - que ativa o sentido de corrida de rua e caminhada como estilo de vida ativo - é mencionado 185 vezes no mesmo período. A primeira delas, na edição número 30, veiculada em 13 de maio de 1970, o apresenta como uma forma inovadora e eficaz de ginástica, em uma página com notícias sobre moda e destinada a mulheres, ainda que a nota em formato de anúncio advertisse que o método poderia ser praticado tanto por homens como por mulheres.

Ginástica: O método Cooper de ginástica é prático e moderno. Não toma muito tempo. Apenas três vezes em seis semanas, 12 minutos cada uma, podendo ser praticado em qualquer lugar. A revista Seleções de maio traz todas as indicações do método revolucionário que pode ser adotado por homem ou mulher. (JORNAL DO BRASIL, 1970, p. 5)

Prático, moderno, acessível, inovador e revolucionário são alguns dos adjetivos utilizados ou sugeridos pela nota para enfatizar as qualidades do novo método. Estendendo a busca ao Jornal dos Sports, tradicional periódico esportivo do Rio de Janeiro, na mesma década, a expressão corrida de rua aparece apenas uma vez, em 1979, para divulgar uma atividade promovida pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, a 11ª Corrida Rústica. Já a busca por Método Cooper, como descritor, reúne vinte publicações na década e a primeira delas já o correlaciona com a seleção brasileira de futebol. “Na última Copa do mundo houve uma novidade marcante: a introdução no

futebol brasileiro do chamado método de Cooper, um método de avaliação de capacidade física empregada no treinamento dos astronautas norte-americanos”. (JORNAL DOS SPORTS, 1970, p. 25).

A adoção do método foi apontada pela mídia como fator chave para a conquista do tricampeonato mundial pelo chamado esquadrão, comandado por Pelé e liderado por Carlos Alberto Torres. Na sua edição de número 208, de 15 de março de 1974, a revista Placar, outro importante veículo de mídia esportiva na época, afirma em reportagem assinada pelo jornalista Raul Quadros, que “a seleção ganhou no México no preparo físico” (QUADROS, 1974, p. 4). Nada mais natural do que uma metodologia divulgada com tanto êxito e promessas de benefícios ganhasse a aprovação popular.

Ao retomar o Jornal do Brasil como objeto de análise, notamos que a edição de 21 de setembro de 1970, um domingo, tem uma página inteira dedicada a atividades físicas como prevenção de doenças crônicas e dá total destaque ao método Cooper. Pela busca realizada na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, essa foi a segunda vez em que a metodologia norte-americana foi citada pelo jornal, naquela década, e com espaço bastante destacado. Trata-se de uma página de saúde, cujo título é: Tão em forma quanto a seleção. Sessão que, além de explicar detalhadamente o método, traz uma série de informações sobre os exercícios, a fisiologia aeróbica, exames médicos, conselhos, como fazer e até uma tabela de exercícios. A reportagem, ao resgatar a memória identitária da seleção campeã no México meses antes, demonstra o quanto a cobertura de mídia, em especial da imprensa esportiva, daquele mundial, foi fundamental para a consolidação e popularização da adoção da atividade física como forma de prevenir doenças e promover saúde, com especial enfoque aos estudos de Cooper. O topo da página daquele domingo já abre a seção com uma ilustração em que uma série de mulheres aparecem caminhando, sob uma legenda: “Exercícios aeróbicos: andar a pé. O objetivo é fortalecer os músculos, o coração e a respiração” (JORNAL DO BRASIL, 1970, p. 6). A imagem é complementada pelo seguinte texto:

Depois que a Organização Mundial da Saúde considerou excelente a forma física da Seleção Brasileira, começou-se a falar no método Cooper, utilizado no preparo dos jogadores, como é utilizado no preparo dos cosmonautas. Para o capitão Claudio Coutinho, supervisor da Seleção, introdutor do método no Brasil e amigo particular do Dr. Cooper, os exercícios são os mais simples e a continuidade é fundamental. (JORNAL DO BRASIL, 1970, p. 6)

Vale atentar para o fato de que toda matéria e demais produções jornalísticas se utilizam das vozes da ciência como autoridade para legitimar o método. Como temos discorrido e defendido, a década de 1970 foi de fato marcada pelas associações midiáticas da conquista do tricampeonato mundial de futebol ao método desenvolvido pelo médico norte-americano. E dentre as três grandes atividades mais estimuladas por sua metodologia, a corrida era a que mais se destacava, além da natação e do ciclismo. “Se me perguntassem, afinal, qual exercício pode ser empregado com mais frequência, eu não hesitaria em recomendar: correr” (COOPER, 1970, p. 27). O Jornal do Brasil foi indubitavelmente um dos grandes propagadores do método no país, como já ressaltado anteriormente – com 185 menções em 10 anos -. O jornalista e colunista esportivo Armando Nogueira foi um dos responsáveis pela grande divulgação do método, mesmo alguns anos após a cobertura jornalística da conquista no México. Na edição número 270 do periódico, publicada em 22 de fevereiro de 1972, o colunista cita o método de Cooper, alegando ser “realmente estarrecedora a notícia de que os ingleses e alemães disputaram o mundial de 70 ignorando os métodos de condicionamento físico do professor Cooper”. (NOGUEIRA, 1972, p. 35).

No mesmo ano, em 20 de abril, o tema voltou a pautar a coluna. Dessa vez a ênfase direta ao futebol não ocorre, ainda que o texto fosse publicado na seção de esportes do jornal, mas a abordagem é pelo fator social e aspecto biomédico do método, ao associar diretamente a ele a adoção da prática esportiva em áreas urbanas e ressaltar possíveis benefícios fisiológicos aos adeptos. “Quem aparecer nas praias da Zona Sul, de manhã cedinho, vai sentir, como eu, que o professor Cooper está mesmo fazendo escola por aqui: é gente andando, marcha batida, gente correndo, gente pedalando, em busca de melhores pulmões e melhor coração”. (NOGUEIRA, 1972, p. 39). Consequência direta ou não do método, Dallari (2009) defende que a corrida de rua passa por uma transformação nesse mesmo período e de fato começa a se popularizar em escala global. “O aumento do número de praticantes, participantes de várias provas, no mundo todo, está concentrado nos últimos 30 anos, a partir do meio da década de 1970, depois de milênios de existência de corredores” (DALLARI, 2009, p. 53). Para Dias (2017) essa propaganda gerada pela mídia, sobretudo a esportiva, atrelou diretamente esse aumento dos praticantes de corrida de rua a Cooper.

Nessa época, o já famoso teste para aferição da capacidade física criado por ele, chamado simplesmente teste de Cooper, que estabelecia parâmetros de avaliação do condicionamento físico através da medição da distância percorrida em uma corrida de 12 minutos, tornou-se sinônimo de atividade física aeróbica no Brasil. Mais que isso, o crescimento do interesse pela prática da corrida de rua seria, dali em diante, sempre e inevitavelmente associado pela opinião pública brasileira com as ideias de Cooper, consolidando, assim, uma memória social que até hoje o identifica como principal responsável pela difusão do hábito de se praticar regularmente a corrida ou a caminhada. (DIAS, 2017, p. 14)

Novas mídias: O Facebook e o grupo Viciados em Corridas de Rua

Nos dias atuais, com a evolução da Internet e aumento da capacidade de interação entre seus usuários, a centralidade discursiva se democratizou e com a midiaticização da sociedade (FAUSTO NETO, 2006; HJAVARD, 2014 e SODRÉ, 2002) todos podem ser enunciadores, ou ‘mídia’. O Facebook é uma das mais importantes redes sociais do mundo, tendo ultrapassado a marca de 2 bilhões de usuários em 2018⁵. A corrida de rua é uma das temáticas que emerge nessa arena virtual e um de seus grupos é lócus empíricos da nossa pesquisa. O grupo público Viciados em Corridas de rua, criado em 22 de julho de 2013, foi escolhido por reunir o maior número de participantes, com 99.182 membros em julho de 2018, segundo levantamento feito por meio da ferramenta Netvizz⁶, utilizando os descritores corrida de rua e corredores de rua.

O objetivo do estudo em curso também é analisar a produção discursiva das postagens e as interações decorrentes dela, por meio da etnografia virtual, e os sentidos de saúde que o fenômeno sociocultural da corrida de rua desperta hoje em dia em seus praticantes. Tal análise visa identificar e discutir possíveis variações nesse sentido, desde sua origem na mídia esportiva nos idos de 1970, como prática de prevenção a doenças e promoção da saúde, aos dias de hoje, no Século XXI, com uso das redes sociais digitais como principal mídia de fomento do tema. Aspectos presentes e marcantes desse novo tipo de mídia, como a espetacularização de si (SIBILIA, 2008) e busca por alta performance (EHRENBERG, 2010), são levados em conta nessa abordagem analítica.

Em uma observação preliminar, que tende a se aprofundar ao longo da dissertação de mestrado, percebemos inicialmente algumas características marcantes da produção

⁵ Fonte disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062>, acessado em 2 de julho de 2018.

⁶ O Netvizz é uma ferramenta que extrai dados de diferentes seções da plataforma do Facebook – em determinados grupos e páginas – para fins de pesquisa.

discursiva do grupo, como a recorrência de publicações com exibição da própria performance dos corredores durante treinos ou provas, montagens de fotos no formato antes e depois, voltadas basicamente para demonstração de perda de peso e definição dos corpos, mensagens de incentivo e motivacionais, consultorias, divulgação de provas e espaço para alguns discursos contraditórios, como depoimentos ou questionamentos sobre possíveis malefícios e riscos da corrida se praticada em excesso e sem orientação adequada. Se na década de 1970 quando a corrida de rua começou a se popularizar seu principal sentido era de vida saudável, esse perfil atual de vida ativa se revela um pouco diferente nas redes sociais digitais. A corrida como prescrição médica raramente aparece nos posts e nas interações do grupo e, quando ocorre, geralmente é atribuído exclusivamente como estratégia de emagrecimento.

No momento da análise, utilizando a classificação de postagens pelas mais relevantes, de acordo com o algoritmo do Facebook que considera o número de interações com o post, das dez primeiras exibidas na *timeline*, três eram de midiatização da performance – que consiste basicamente em publicizar os resultados do treino, exibindo tempo, distância e por vezes percurso percorrido (figura 1) –, três eram mensagens motivacionais (figura 2), duas postagens descontraídas, em tom de piada; uma com divulgação de prova e uma com fotografias no formato antes e depois (figura 3):



Figura 1



Figura 2



Figura 3

As postagens selecionadas sintetizam alguns dos principais enunciados e sentidos que são produzidos e circulam no grupo, com relação à prática da corrida no Século XXI, e se enquadram nas características que de fato nos chamam mais a atenção, como as de autorreferência, que são as mais recorrentes em uma análise mais ampla do grupo. É como

se a postagem da performance fosse o principal objetivo da corrida. Essa espetacularização da performance pode ser uma consequência da midiatização que vivemos, quando as tecnologias nos permitem midiatizar rotinas, o que pode reconfigurar certos hábitos e sociabilidades, como o da corrida de rua, por exemplo.

Em linhas gerais, a ideia de midiatização refere-se ao processo pelo qual as mídias, especialmente as digitais, se articulam com a vida cotidiana, alterando o modo como as pessoas, as instituições e a sociedade, de um modo geral, vivem. Trata-se, a rigor, de um conjunto de fenômenos que mostram uma articulação profunda entre as mídias e o cotidiano. (MARTINO, 2014, p. 271)

Com essa análise inicial, podemos coletar as primeiras impressões acerca da modificação de sentidos das corridas de rua nos discursos midiáticos, em relação aos enunciados da grande mídia, em sua narrativa na década de 1970, até os dias atuais, com uso das mídias e redes digitais, quando inclusive o hábito da corrida pode revelar-se como um perigo à saúde, se feito de forma desorientada, com base na lógica de riscos (CASTIEL, GUILAM e FERRERIA, 2015). A postagem abaixo (figura 4) demonstra esse contraditório que por vezes circula no grupo e demonstra que o cuidado com a preservação da saúde perante os excessos também é uma preocupação emergente.



Figura 4

Considerações finais

Ao traçar um paralelo entre a evolução histórica do Facebook no Brasil e o número de corredores de rua inscritos em São Paulo⁷, por ser uma das federações com estatísticas mais organizadas, podemos identificar alguma relação. Em 2006, quando a rede social foi

⁷ Dados disponíveis em: <http://www.atletismofpa.org.br/estatistica-2016.html.67>.

aberta ao público, São Paulo registrava 182 provas de rua e 233.557 participações. Dez anos depois, em 2016, foram realizadas 424 provas, que totalizaram 906.930 participações, um crescimento de 288% em relação aos adeptos. Diversos fatores podem ter se associado para o aumento do número de praticantes da corrida de rua ao longo da última década e podemos atribuir parte dessa evolução à própria socialização gerada pelas redes sociais digitais. A exposição midiática dos corredores no Facebook pode ter sido um desses fatores que impulsionaram a prática esportiva.

Outro fator a ser destacado na análise é a inovação tecnológica. Nos dias de hoje, os aplicativos de celular conectados às redes sociais digitais permitem o monitoramento da performance e publicização dos resultados dos corredores em tempo real, fato que tem reconfigurado os sentidos da corrida de rua desde sua origem, na década de 1970. Outros aspectos emergiram daquela época até 2018, para além das redes sociais, como a própria apropriação do hábito sociocultural da corrida pelo mercado neoliberal, que passou a organizar e promover centenas de provas e produzir outros sentidos em torno da corrida.

Porém, essa análise mais ampla será investimento de nossa dissertação nos próximos dois anos. Para o presente trabalho, que ainda se apresenta como ensaio, a opção pelo recorte em dois períodos definidos: no início da popularização do hábito e nos dias atuais é uma escolha metodológica possível nessa etapa do estudo em curso. A impressão dessa primeira análise que surge como hipótese para o desdobramento de novas pesquisas é que as redes sociais digitais revelam que quase 50 anos após a introdução da corrida de rua no Brasil seus praticantes, hoje, não aderem ao hábito prioritariamente para prevenir doenças. Os sentidos produzidos em suas narrativas são mais próximos do exibicionismo de suas performances e da própria sociabilidade que o hábito promove, deslocando a saúde para o domínio da estética, do exibicionismo e da performance. É comum que os indivíduos se exponham ao risco de lesões ou outros agravos decorrentes da adoção ao estilo de vida ativo sem a orientação e preparação adequada. No entanto, o mais importante parece ser se expor publicamente pelas redes sociais digitais e a capacidade de autoaprimoramento.

Esse pressuposto passará por uma análise mais aprofundada e será confirmado ou refutado por resultados a serem divulgados e debatidos. Contudo, consideramos importante já propor essa reflexão ao GP de Comunicação e Esporte, para diálogo e possíveis trocas de experiências que possam contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS:

- ANJOS, L.A. **Obesidade e Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- ARAÚJO, I. S. e CARDOSO, J.M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- BUSS, P.M. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. *Ciência & Saúde Coletiva*. 5 (1): 163-177, 2000.
- CASTIEL, L. D., GUILAM, M.C.R. e FERREIRA, M.S. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.
- COOPER, K. H. **Aptidão física em qualquer idade**. Rio de Janeiro: Fórum, 1970.
- CZERESNIA, D. MACIEL, E.M.G.S. E OVIEDO, R.A.M. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.
- DALLARI, M. M. **Corrida de rua**: um fenômeno sociocultural contemporâneo. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DIAS, C. **Corrida de rua no país do futebol**. Rio de Janeiro: Recorde, v. 10, n. 1, jan/jun. 2017
- EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- FAUSTO NETO, A. **Mediatização, prática social - prática de sentido**. Encontro da Rede Prosul: Seminário sobre mediatização, Unisinos, São Leopoldo, 2006.
- HELAL, R. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HJARVARD, S. **Mediatização da Cultura e da Sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.
- JORNAL DO BRASIL. **O Serviço**. Rio de Janeiro, 13 mai. n. 30, Caderno B, p. 5. 1970.
_____. **Tão em forma quanto a seleção**. Rio de Janeiro, 21 set. n. 143, Revista de Domingo, p. 6. 1970.
- JORNAL DOS SPORTS. **O poder da preparação**. Rio de Janeiro, 30 set. n. 13060, p. 25. 1970
- LUPTON, D. **Risk and sociocultural theory: New directions and perspectives**. Cambridge University Press, 1999.
- MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- NOGUEIRA, A. **Na grande área**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 270, p. 35. 22 fev. 1972.
_____. **Na grande área**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 39. 20 abr. 1972.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Carta Magna**. 1948.
- QUADROS, R. **A dureza vai aumentar**. *Placar*, 15 mar. n. 208, p. 4-9, 1974.
- SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.